

Narração e Compreensão: totalitarismo e literatura de testemunho¹

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Filosofia

Ethannyn Mylena Moura Lima² - ethannyn@gmail.com

Adriano Correia Silva³ - correiaadriano@yahoo.com

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; História; Condição humana; Totalitarismo.

INTRODUÇÃO

A narração despida do rigor acadêmico, tal como a conhecemos, é encontrada na forma de escrita que ficou conhecida como literatura de testemunho, que hoje em dia se tornou uma indústria bastante lucrativa, prova disso são os inúmeros exemplares que são lançados no mercado ano após ano, enchendo as prateleiras de muitas livrarias no mundo. Nesse sentido, em nosso período contemporâneo da história da humanidade, onde mais uma vez as guerras estão presentes, percebemos que, quando falamos especificamente das duas Grandes Guerras, o ato de narrar foi de fundamental importância no tocante à denúncia ao mundo dos horrores da guerra, cujos sobreviventes, além das seqüelas físicas que restaram neles, foram acompanhados pelo trauma, pela lembrança, pelo esquecimento e pelo ressentimento. Este ato configurado em narrativas escritas ou faladas, ou ainda através da fala tornadas escrita, esteve presente em inúmeras evidências de acontecimentos históricos. Não se atendo somente à análise das narrativas nos períodos históricos supracitados, abordaremos as estruturas narrativas de um modo mais amplo, tentando direcionar para uma perspectiva interpretativa que possibilite uma visão, digamos, positiva de eventos como tais. Daqui surgem questionamentos como: de que modo podemos superar eventos como estes? Como não lembrar? Como não esquecer ou como “esquecer”? Como contribuir para que fatos a exemplo deste não se repitam? São questões como estas – mesclando literatura e filosofia e perpassando o mero narrar, como Jeanne M. Gagnebin (2006) discute – que ganham um cunho mais específico em sua relação com o estudo da

¹ Texto revisado pelo orientador.

² Orientanda do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica – PIVIC/UFG.

³ Orientador Prof. Dr. Adriano Correia Silva.

natureza humana em alguns escritos de Hannah Arendt (1987; 2000). Assim, nosso objetivo está centrado no estudo do conceito de narrativa tal como é apresentada nos escritos de Ricouer (1994), Todorov (1995, 2006) e Gagnebin (2006) e de como ela se mostrou em alguns períodos históricos. Mais especificamente, fizemos um breve estudo condicionado à análise da natureza humana quando confrontada com, por exemplo, eventos totalitários e de como a narrativa desses fenômenos pode ser mais bem escrita, falada ou analisada.

DESENVOLVIMENTO

1 - O extremo em questão

Desde os primórdios da humanidade temos históricos de narrativas, fatos e experiências transmitidas por gerações inteiras, todas elas deixadas para as gerações futuras em diversas formas de registro. Aqui, porém, tratamos da forma escrita de narrativa, que por sua vez fez parte, em sua maioria, de relatos vividos, se tratando assim, da transmissão oral da experiência de vida. Benjamin destaca em seu texto dois tipos de narradores: os que vivem uma vida sedentária em seu país e possuem um amplo conhecimento de todos os aspectos da cultura e tradição local, e os que viajam por diversos países e conhecem múltiplas culturas. Para exemplificar essa descrição poderíamos dizer que no primeiro caso melhor caberia a figura de um “camponês sedentário” (BENJAMIN, 1994, p. 199) e no segundo a figura de um “marinheiro comerciante” (BENJAMIN, 1994, p. 199). Os dois tipos de narradores são igualmente ricos em experiências, que com o tempo foram adquirindo suas próprias características, no entanto, Benjamin não os vê como dois sujeitos dissociados, e sim, vê nesses dois tipos de vida, uma associabilidade onde uma completude de experiências é possível, pois a junção desses modos de transmissão de experiências possibilitaria segundo Benjamin, a compreensão e interpretação desses dois tipos arcaicos, no tocante à “extensão real do reino narrativo, em todo seu alcance histórico” (BENJAMIN, 1994, p. 199). Uma interpenetração fundada, a exemplo do sistema corporativo medieval, onde “o mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina” (BENJAMIN, 1994, p. 199), ou seja, a associação dos saberes adquiridos em territórios longínquos juntamente com o passado memorizado pelo trabalhador sedentário.

Há aqui o que pode ser considerado um problema de primeira ordem, “a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p. 197), assim constata Benjamin nas primeiras linhas de seu ensaio *O Narrador*, que mostra que estamos pobres de experiência, na interpretação de Benjamin. Mas o que significa dizer “pobre de experiência” ou “extinção da narrativa” levando em consideração o período histórico estudado? Para Benjamin é como se a faculdade de permutar experiências estivesse nos sendo privada, pois a arte de narrar é associada à sabedoria, que segundo ele, é o *lado épico da verdade* (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Nessa tentativa de compreensão dos fatos através das narrativas, vemos em Todorov (1995), que nos traz em seu livro *Em face ao extremo*, um estudo sobre esse, muitas vezes denominado como, um paradoxo dos campos de concentração. Nele vemos relatos como o da jornalista inglesa Gitta Sereny (1974), que segundo Todorov soube “encarnar admiravelmente bem o equilíbrio entre ‘dizer’, ‘julgar’ e ‘compreender’” (1995, p. 305) na sua coletânea de entrevistas intitulada *Au fond des ténèbres*.

Podemos perceber que a preocupação de Todorov na discussão dos campos, não o lado físico da história e se a visão que temos quando contextualizamos o evento e a visão contemporânea, como ele diz:

Não há mais campos, hoje em dia, na Alemanha (...). Já não é o mesmo combate que deve continuar; e, no entanto, ele ainda não terminou. Ele se trava em outro lugar: na manutenção da memória, no julgamento que fazemos do passado, nos ensinamentos que dele tiramos. (Todorov, 1995).

Hannah Arendt por sua, nos traz uma abordagem mais abstrata de eventos como este, voltando-se para uma análise do meio pelo qual estes eventos da história se valem, isto é, a natureza humana, onde ela nos mostra que,

Valores são bens sociais que não têm significado autônomo, mas, como outras mercadorias, existem somente na sempre fluida relatividade das relações sociais e do comércio. Através desta relatividade, tanto as coisas que o homem produz para seu uso como os padrões conforme os quais ele vive sofrem uma mudança decisiva: tornam-

se entidades de troca e o portador de seu *valor* é a sociedade e não o homem que produz, usa e julga. (Arendt, 1987).

Isso significa dizer o valor do homem só em função das relações que ele estabelece em sociedade ao longo da história, um valor que inserido nessa teia de relações sociais passa a ter funcionalidade enquanto mercadoria e objeto de comércio, o homem nesse sentido então, se torna “um portador desse *valor*”.

COSIDERAÇÕES FINAIS

De tais textos podemos extrair pontos de reflexão psíquico-filosófico, como por exemplo, questionamentos da linha: até que ponto o ser humano pode agüentar pressão física e psicológica? Como um ser biologicamente racional pode atingir o ponto máximo da irracionalidade com teorias que ferem o direito à vida? Podem-se escrever páginas e mais páginas apenas com indagações dessa procedência sobre essa problemática específica, isto é, o totalitarismo e suas conseqüências. Muitas pessoas ainda hoje questionam a veracidade dos fatos e até mesmo negam o extermínio nazista, pois não conseguem acreditar em tantas mortes em um espaço curto de tempo: Será que esse povo (vítimas do nazismo) não sabia fugir ou lutar contra?

REFERÊNCIAS

1. ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
2. _____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann; São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
3. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006
4. RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. – Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.
5. _____. Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo I*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. 5
6. TODOROV, Tzevetan. *Em face ao extremo*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

7. _____. *As estruturas narrativas*. Tradução Leyla Perrone-Moisés — (Debates; 14 / dirigida por J. Guinsburg). São Paulo: Perspectiva, 2006.

8. _____. *Memoria del mal, tentación del bien: Indagación sobre El siglo XX*. Traducción de Manuel Serrat Crespo. Ediciones Península, Barcelona, 2002.